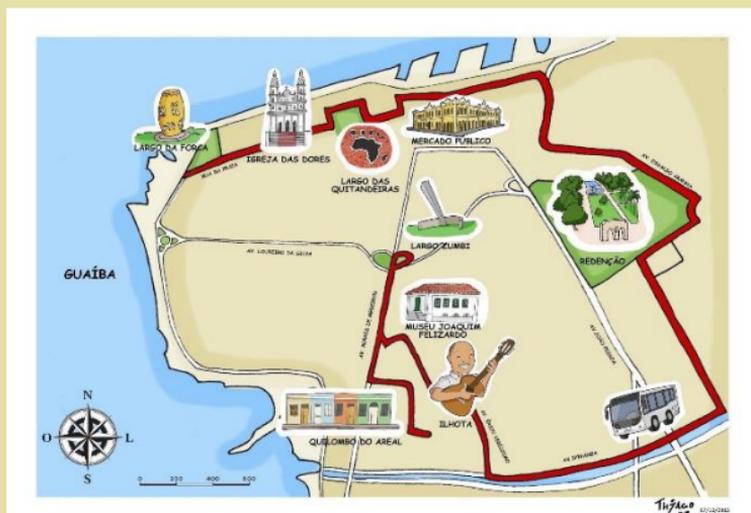


Territórios Negros em Porto Alegre

CONSTRUINDO POSSIBILIDADES DE PERCURSOS



Territórios Negros em Porto Alegre

CONSTRUINDO POSSIBILIDADES DE PERCURSOS

Porto Alegre
2017

Autores

Adriana Conceição Santos dos Santos

Fernanda Amorim Golembiewski

Tanise Baptista de Medeiros

Luana Veeck Valada

Rodrigo Nickel

Gabriel Gonzaga

Lourenço Teixeira

Isadora Talita Lunardi Diehl

Anita Silva de Sousa

Fátima Rosane da Silva André

Sarah Calvi Amaral Silva

Créditos

Diagramador

Matheus Zambiasi Roliano

Leitura Crítica

Daniele Vieira dos Santos

Manoel José Ávila da Silva

Revisão

Eduarda Soletti

Júlia Dias

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

T323

Territórios negros em Porto Alegre: construindo possibilidades de percursos (2017) / Adriana Conceição Santos dos Santos...[et al]; Daniele Vieira dos Santos, Eduarda Soletti e Júlia Dias, revisoras. Porto Alegre: Laboratório de Ensino de História e Educação da UFRGS, 2018.

ISBN 978-85-9489-091-7

Vários autores.

1. Negros – Porto Alegre (RS) 2. Negros – História social 3. Territorialidade 4. Movimento Social 4. Porto Alegre (RS) I. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Laboratório de Ensino de História e Educação. Título II. Santos, Adriana Conceição Santos dos. III. Golembiewski, Fernanda Amorim. IV. Medeiros, Tanise Baptista de. V. Valada, Luana Veeck. VI. Nickel, Rodrigo. VII. Gonzaga, Gabriel. VIII. Teixeira, Lourenço. IX. Diehl, Isadora Talita Lunardi. X. Sousa, Anita Silva de. XI. André, Fátima Rosane da Silva. XII. Silva, Sarah Calvi Amaral. XIII. Santos, Daniele Vieira dos. XIV. Soletti, Eduarda. XV. Dias, Júlia.

CDU: 326:316.35 (816.5)

Bibliotecária: Andréa Regina Santos de Freitas CRB-10/1948

SUMÁRIO

- 01 **Introdução**
- 06 **O Tambor**
- 10 **Igreja das Dores e Pelourinho**
- 14 **Praça da Alfândega**
- 18 **O Mercado Público**
- 23 **Transição: período de pós-abolição**
- 27 **Parque da Redenção**
- 31 **Ilhota**
- 37 **Museu Joaquim José Felizardo**
- 41 **Quilombo do Areal da Baronesa**
- 45 **Largo Zumbi dos Palmares**
- 50 **Para Terminar**
- 53 **Apêndice: um pouco da história dos territórios negros na escola pública de Porto Alegre**
- 57 **Quem escreveu esse livro?**
- 59 **Referências**

INTRODUÇÃO

O Que São Territórios Negros?

O conceito de *território negro* é objeto de discussão em diversos espaços sociais. A construção insere-se em um processo de luta política pelo reconhecimento dos espaços vivenciados pelas pessoas negras, no passado e no presente, e que fazem parte das suas memórias coletivas.

Iosvaldyr Bittencourt compreende o território negro urbano como “um espaço de construção de singularidades sócio-culturais de matriz afro-brasileira que é afirmativo e, ao mesmo tempo, é um objeto de exclusão social em razão da expropriação estrutural dos direitos civis e específicos fundamentais dos negros brasileiros, o que faz exigir uma constante resistência” (p. 141). Daniele Vieira afirma que “a territorialidade negra urbana provém dos percursos construídos e vivenciados pelos africanos e seus descendentes”.

O que constitui, então, um *território negro*? Podemos compreender, com base nas explicações de Iosvaldyr e de Daniele, que os *territórios negros* são espaços vivenciados, apropriados e significados de diferentes formas pelas pessoas negras.

Em Porto Alegre, há muitas possibilidades de se construir percursos que expressem a presença e a agência histórica das pessoas negras na cidade.

Durante muito tempo, a participação dos africanos negros e seus descendentes na construção da sociedade brasileira não recebeu o devido reconhecimento. Como consequência, alguns grupos organizados

de afro-brasileiros exigiram esta valorização. Um dos resultados desta organização foi a Lei nº 10.639/03, que alterou o artigo 26A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e tornou obrigatório o ensino das histórias e das culturas afro-brasileiras e africanas em todas as instituições de ensino.

Neste livro vamos apresentar alguns lugares que formam dois projetos patrimoniais da cidade que podem ser identificados como territórios negros: o “Territórios Negros: afro-brasileiros em Porto Alegre”, da Companhia Carris, e o “Museu de Percurso do Negro”.

Projeto "Territórios Negros: Afro-Brasileiros em Porto Alegre", DA COMPANHIA CARRIS Porto-Alegrense

É um percurso de ônibus que passa por regiões da cidade que ajudam a contar a história dos africanos negros e seus descendentes em Porto Alegre. O projeto existiu até 2016 nesse formato.



QUAL O OBJETIVO DESTES PROJETO?

O objetivo deste projeto é promover a visibilidade da cultura e da história afro-brasileiras. Foi criado para possibilitar que estudantes e demais moradores de nossa cidade ampliem o seu conhecimento sobre a trajetória dos negros em Porto Alegre.

MUSEU DE PERCURSO DO NEGRO EM PORTO ALEGRE

É um percurso composto por quatro obras artísticas distribuídas em vários lugares do Centro Histórico de Porto Alegre. O projeto foi elaborado coletivamente pelo Centro de Referência Afro-brasileiro (CRAB) e por representantes do Movimento Negro de Porto Alegre, no âmbito do Projeto Monumenta (MinC).

QUAL O OBJETIVO DESTA PROJETO?



A proposta do *Museu de Percurso do Negro* resulta da crítica à invisibilização do patrimônio afro-brasileiro na cidade de Porto Alegre. Esse museu a céu aberto tem como objetivo evocar a presença, a memória e o protagonismo social e cultural dos africanos e afro-brasileiros a partir de um percurso composto por quatro obras artísticas.

As obras de arte foram inseridas em espaços identificados, através de uma ampla pesquisa socioantropológica, como representativos das experiências vivenciadas pelas pessoas negras em Porto Alegre. O percurso construído pelo *Museu* inicia no Largo da Força (Praça Brigadeiro Sampaio), com o **Tambor**, passa pelo Largo da Quitanda (Praça da Alfândega), com a **Pegada Africana**, pelo Mercado Público, com o **Bará do Mercado**, e termina no Largo Glênio Peres, com o **Painel Afro-brasileiro**.

Neste livro você vai conhecer mais detalhes sobre alguns dos pontos que podem compor um percurso por territórios negros em Porto Alegre: o Tambor, a Igreja das Dores e o Pelourinho, a Praça da Alfândega (antigo Largo da Quitanda), o Mercado Público, o Parque da Redenção, a Ilhota, o Museu Joaquim José Felizardo, o Quilombo do Areal da Baronesa e o Largo Zumbi dos Palmares. Cada um desses lugares conta muitas histórias, que se passaram em diferentes tempos.

O **mapa** que acompanha o livro vai ajudá-lo a seguir o trajeto aqui proposto, mas outros roteiros, com outros espaços, podem ser criados. Assim, você vai perceber que, num mesmo lugar da cidade, muitos acontecimentos do passado deixaram suas marcas. Essas marcas nos permitem aprender e questionar o nosso presente.

Você pode usar esse livro de muitas maneiras. Em primeiro lugar, ele é uma fonte de informação sobre alguns desses espaços da cidade, selecionados a partir dos exemplos dos dois projetos mencionados. Em segundo lugar, o livro propõe alguns questionamentos para sua reflexão. Por fim, são apresentadas sugestões de obras e páginas virtuais para ampliar seus conhecimentos.

Após a leitura e a visita a estes espaços de Porto Alegre, que tal construir o seu próprio percurso? Que lugares você selecionaria? Que histórias estes lugares contam?

VAMOS LÁ?



O Tambor





O Tambor é o primeiro marco do *Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre*. A obra de arte foi feita coletivamente por artistas, comunidade das religiões de matriz africana e o movimento negro. Em volta do Tambor pode-se ver 12 figuras que significam, cada uma, a história de luta, alegria, dor, perseverança e resistência do povo negro no Brasil. A Praça Brigadeiro Sampaio foi escolhida como local do Tambor por ter sido, durante os anos de escravidão, o lugar onde eram enforcados os condenados à morte, em sua grande maioria africanos escravizados. Devido às execuções, a praça já foi conhecida como Largo da Forca.

O tambor é muito importante na cultura afro-brasileira. Este instrumento está presente nas tradições musicais do povo negro, no samba, nos esportes, na capoeira e também na religiosidade. A cor amarela do Tambor representa a cor de Oxum, orixá que é a rainha das águas doces e representa a sabedoria e o poder feminino.

Você Já Tocou Tambor?

O Tambor é oco, ao batê-lo podemos produzir sons! As religiões de matriz africana acreditam ser uma forma de reverenciar os ancestrais.

? PARA PENSAR!

As religiões de matriz africana sofrem perseguições pela existência de muitos preconceitos envolvendo suas práticas. Isso acontece, principalmente, pela dificuldade de aceitarmos a diversidade cultural no Brasil. É preciso respeitar a crença de todas as culturas. As pessoas têm o direito de acreditar em qualquer religião, sem fazer de nenhuma outra menos verdadeira!



Fonte: <https://bit.ly/25fSKQV>



Igreja das Dores e Pelourinho



IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

11



Tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1938, a Igreja Nossa Senhora das Dores teve sua pedra fundamental lançada em 1807. No entanto, a construção demorou quase um século para ser concluída. Em frente ao que é hoje a Igreja das Dores, localizava-se o Pelourinho de Porto Alegre. Neste local ocorriam a venda de trabalhadores escravizados e a execução de castigos físicos a escravizados considerados rebeldes.

A LENDA DE JOSINO

Muitos acreditam que existe um motivo para explicar a demora na obra da igreja: a maldição de Josino. A igreja fora construída utilizando mão de obra escravizada. Entre os escravizados que trabalharam em sua construção, estava Josino, acusado de roubar tijolos e outros materiais de construção. O rapaz foi condenado à morte sem direito à defesa.

A lenda diz que Josino, antes de ser executado, lançou uma maldição. Afirmando inocência, rogou que se a sua condenação fosse injusta, seu senhor nunca veria a obra terminada. A igreja teve sua construção concluída apenas em 1903, muito tempo depois da morte de Domingos José Lopes, senhor de Josino. A Igreja das Dores é a mais antiga ainda existente em Porto Alegre e está localizada na Rua dos Andradas, no Centro Histórico da capital.

? PARA PENSAR!

Outra igreja localizada no Centro de Porto Alegre faz parte dos percursos vivenciados pela população negra da cidade. A **Igreja do Rosário** foi construída por trabalhadores negros, entre os anos de 1817 e 1827. Ainda hoje, ela faz parte dos percursos da religiosidade afro-gaúcha.

A construção da igreja ocorreu a partir da Irmandade do Rosário, fundada por pessoas negras durante o período da escravidão. Fazer parte de uma irmandade era muito importante para as pessoas escravizadas ou libertas. Que tal descobrir o porquê? Para conhecer mais sobre essa história, procure o livro *As contas do meu Rosário são balas de artilharia*, da autora Liane Müller.





PRAÇA DA ALFÂNDEGA



15



A Praça da Alfândega foi, durante os séculos XVIII e XIX, o local em que eram vendidos produtos alimentícios, pois ficava próximo ao porto de onde vinham os navios carregados de mercadorias. Também por isso, era um lugar com grande circulação de pessoas. Antes de ser conhecida como Praça da Alfândega, o local chamava-se Largo ou Praça da Quitanda.

Nesta área, negros (as) escravizados (as) e libertos (as) trabalhavam em várias tarefas. Eram alfaiates, marinheiros, quitandeiras, barbeiros, carregadores, acendedores de lampiões, pintores. Eles e elas executavam as reformas das ruas, vendiam produtos, carregavam os navios.

No ano de 1820, as quitandeiras foram removidas desta Praça devido à construção do prédio da Alfândega. Os vendedores foram deslocados para a Praça Paraíso (hoje Praça Quinze de Novembro, em frente ao Mercado Público).

Você SABE o que quer dizer QUITANDA?

As quitandas eram produtos vendidos em tabuleiros (mesas) armados nas ruas da cidade. Normalmente, quem vendia esses produtos eram mulheres escravizadas que, apesar de ter que repassar os valores dos produtos para seus senhores e senhoras, muitas vezes conseguiam ficar com uma parte para elas. Juntando esse dinheiro muitas mulheres puderam comprar sua alforria e a de seus filhos e maridos.

A PEGADA AFRICANA

Em 2011, para marcar a presença dos africanos e seus descendentes, foi instalada na Praça da Alfândega a Pegada Africana. A obra produzida por Vinícius Vieira tem o contorno do continente africano e é feita de aço-inox e pedras, com dimensões de 2x3 metros.



Fonte: <https://bit.ly/2CEMNYK>



MERCADO PÚBLICO





A construção do Mercado Público de Porto Alegre é datada de 1869, localizando-se na Praça XV, parte central da cidade, próximo à Prefeitura e ao Cais do Porto. Ao longo de sua história, o edifício de estilo neoclássico passou por diversas modificações arquitetônicas. O Mercado passou a compor o patrimônio histórico e cultural do município (Lei nº 4.317/77) em 1979, fazendo cessar as ameaças de demolição que vinha sofrendo.

O Mercado representa um marco de resistência da população negra na cidade. Se a construção foi erguida graças à mão de obra escravizada e negra, passado e presente ajudam a explicar a importância do local para as religiões de matriz africana do Rio Grande do Sul. Seus praticantes acreditam que, antes de ter lugar o piso de cimento do Mercado, foi nele assentado um Bará. A pedra de *ocutá* foi ali enterrada por ser o cruzamento das quatro entradas e hoje está representada em uma obra de arte, onde são feitos pedidos e oferecidas balas ou moedas.



BARÁ DO MERCADO: A terceira obra DO MUSEU DE PERCURSO DO NEGRO

A terceira obra do *Museu de Percurso do Negro*, produzida em 2013, foi o Bará do Mercado. Para a religiosidade afro-gaúcha, o Bará corresponde ao orixá dono de todas as chaves, de todas as encruzilhadas e de todos os caminhos. Segundo a tradição religiosa, há um assentamento do Bará no centro do Mercado, o que explica a escolha deste local para receber a obra.



Fonte: <https://bit.ly/2AsjqqW>

AS HISTÓRIAS CONTADAS SOBRE O ASSENTAMENTO DO BARÁ

Existem várias versões: Uma relata que o assentamento teria sido feito pelos negros escravizados que trabalhavam na construção do Mercado. A outra diz que foi obra do Príncipe Custódio (1831? - 1935), membro da família real de Daomé – região hoje correspondente a de Benin, Nigéria –, a fim de proteger o espaço. José Custódio de Almeida ou *OsuanleleOkizi* teria deixado a África em 1862, uma vez realizado um acordo com a coroa britânica que assegurava a sobrevivência de seu povo, em um contexto de demarcação dos contornos geopolíticos do continente. No ano de 1901, passou a viver em Porto Alegre, onde se tornou conhecido por organizar grandes festas religiosas, além de aconselhar importantes personalidades do cenário político da época.

A QUARTA DO OBRA DO MUSEU DE PERCURSO: o PAINEL Afro-BRASILEIRO

Próximo ao Mercado Público, no Largo Glênio Peres, foi colocada a quarta obra – e a mais recente até o momento – do *Museu de Percurso do Negro*. Esta obra, nomeada Painel Afro-brasileiro, foi inaugurada em 2014. Você já a observou ao passar pelo Largo?



Fonte: <https://bit.ly/ZyxtNB8>



TRANSIÇÃO: PERÍODO DE PÓS-ABOLIÇÃO



Porto Alegre foi a primeira cidade brasileira a assinar a abolição da escravidão, em sete de setembro de 1884 (no restante do Brasil, a abolição só foi assinada em treze de maio de 1888). Assim como em outras partes do nosso país, em Porto Alegre, o fim da escravidão não veio acompanhado por medidas que incluíssem a população recém liberta ao restante da sociedade em pé de igualdade. Não foram feitos investimentos, por exemplo, em escolas para esta população, nem nada no sentido de prepará-la para o mercado formal de trabalho. Os negros, depois de trezentos anos de trabalho escravizado, foram “libertos” com “uma mão na frente e outra atrás”, sem moradia, sem garantia de trabalho e sem educação.

Se antes as senzalas e os porões dos sobrados da “Cidade Alta” serviam como acomodação para a população escravizada, agora o espaço central da cidade não deveria mais comportar a população negra porto-alegrense.

A alternativa encontrada para moradia foram regiões que ficavam fora do perímetro urbano da cidade (na época restrito ao Centro), mas que já vinham sendo ocupadas pela população negra desde o período da escravidão. Estas áreas ficavam no entorno do Centro, como a Redenção e proximidades, a Cidade Baixa, que incluía o Areal da Baronesa e, mais tarde, a Ilhota.

? PARA PENSAR!

A conquista da liberdade foi fruto da luta da população afro-brasileira submetida à escravidão. A Abolição trouxe consigo reivindicações pela inserção das pessoas negras à sociedade e pela conquista de direitos. Nesse contexto, como você imagina que tenha sido a vida das mulheres e dos homens negros no Rio Grande do Sul após a abolição?

O livro *Pessoas comuns, histórias incríveis: a construção da liberdade sul-rio-grandense* apresenta diversas trajetórias de pessoas negras no Rio Grande do Sul. Que tal conhecê-las?



Fonte: Revista do Globo, 8/11/1947, In SANTOS, p.48



PARQUE DA REDENÇÃO





Chamado oficialmente de *Parque Farroupilha* desde 1935, este espaço já foi conhecido como *Campos da Redenção*. Você sabe o porquê de se chamar *Redenção*? Esta área recebeu o nome de *Campos da Redenção* em função da assinatura da alforria dos escravos em Porto Alegre, ocorrida em 1884. Antes disso, ela fora conhecida como *Várzea do Portão*, *Várzea do Bom Fim* e, em 1884, por *Campos da Redenção*.

No dia 13 de maio de 1888, foi decretada, pela Lei Áurea, a abolição da escravidão no Brasil, após inúmeros movimentos de contestação de escravizados e também de republicanos abolicionistas. Entre os abolicionistas destacaram-se as atuações de negros pela libertação de seus pares. **Luiz Gama** foi um escravizado que, após conseguir sua liberdade, se tornou jornalista e advogado. Atuou em São Paulo, escreveu contra a escravidão em jornais e ajudou negros a conseguirem a alforria.



Nos Campos da Redenção, a população negra de Porto Alegre realizava seus batuques e festas. O parque fazia parte de uma área localizada nas margens de chácaras e propriedades que ali existiam e onde se concentrava o maior contingente de negros. Essa era a chamada *Colônia Africana*, que corresponde hoje aos bairros Bom Fim, Rio Branco, Mont'Serrat e Três Figueiras.

PARA PENSAR!

Hoje a área da antiga Colônia Africana corresponde a bairros nobres de Porto Alegre e não lembramos mais das populações negras que viveram ali. O Parque da Redenção, apesar de ainda ser popularmente chamado assim, foi renomeado para Parque Farrroupilha e não há monumentos que nos lembre dos batuques, festejos e rodas de capoeira que faziam parte da vida dos negros em Porto Alegre. Na luta contra o racismo, hoje, é preciso recuperar a memória e a história dessas pessoas. Você sabe o que aconteceu com essas pessoas? Você sabe onde vivem hoje?

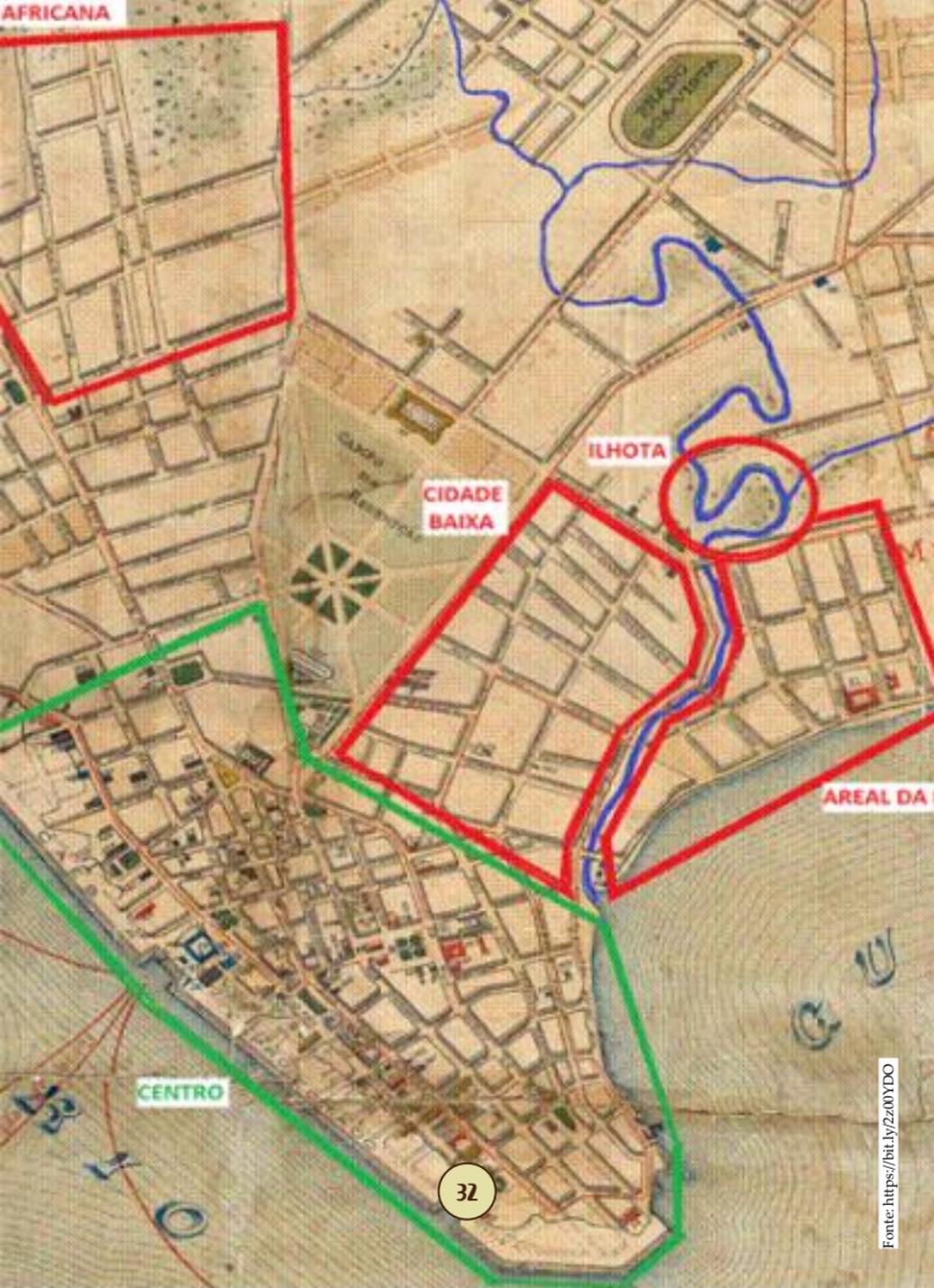
Você SABIA?

No Parque da Redenção, há um monumento que homenageia os *Lanceiros Negros*. Você conhece a história deles?



ILHOTA

AFRICANA



CIDADE BAIXA

ILHOTA

AREAL DA

CENTRO

32

A prefeitura de Porto Alegre começou a mudar a região em 1939, medida que se intensificou após as enchentes de 1941. De acordo com o livro *Porto Alegre: Guia Histórico*, de Sérgio da Costa Franco, 77 construções, localizadas na Ilhota, foram demolidas em função da canalização do riacho, do saneamento e da urbanização da zona. Em 1948, conforme os registros do Departamento Municipal de Habitação (Demhab), 295 pessoas moravam na Ilhota, num total de 87 casas. Em 1967, o Demhab, com a ajuda do Exército, retirou dezenas de casas da Ilhota e levou seus moradores para inaugurarem a recém criada **Restinga**.

BERÇO DO SAMBA e DE LUPICÍNIO RODRIGUES

A Ilhota deixou sua marca na memória da cidade, sobretudo nas crônicas de carnaval, samba e batuque. Berço do compositor Lupicínio Rodrigues, que nasceu em 16 de setembro de 1914, na Travessa Baptista, nº 79, para contar e cantar as histórias de sua região e de seus amores mal sucedidos (também para criar o Hino do Grêmio em 1953!). A Ilhota ficou conhecida por seus primeiros blocos de carnaval, seus bares boêmios e sua liga de futebol (a Liga da Canela Preta) que tinha a intenção de reunir jogadores oriundos das camadas menos favorecidas, principalmente os negros que não eram aceitos nos clubes da época.



O poema abaixo, composto por Lupicínio Rodrigues, nos possibilita conhecer um pouco da sua *Ilhota*:

Ilhota, minha favela moderna,

Onde a vida na taberna

É das melhores que há.

Ilhota, arrabalde de enchente

E que nem assim a gente

Pensa em se mudar de lá.

Ilhota, do casebre de madeira,

Da mulata feiticeira,

Do caboclo cantador.

Ilhota, a tua simplicidade

É que dá felicidade

Para o teu pobre morador.

Na tua rua,

Joga-se em plena esquina.

Filho teu não se amorfina

Em sair pro batedor.

Nem mesmo a “justa”

Vai visitar seus banhados,

Pra não serem obrigados

A intervir em questões do amor.

(“Ilhota”, Lupicínio Rodrigues)

? PARA PENSAR!

Em 1972 o plano “Comunidade Urbana de Recuperação Acelerada” (CURA), iniciativa do Governo Federal, propôs uma imensa reforma urbanística chamada *Projeto Renascença*. O projeto tirou a Ilhota do mapa de Porto Alegre sob o pretexto de recuperar áreas deterioradas da cidade, construindo assim a Avenida Érico Veríssimo e seus arredores.

Processos como este são recorrentes na história porto-alegrense do século XX e fazem parte do movimento de ocupação das periferias, habitadas por grupos empobrecidos da população, majoritariamente negros. Será que este tipo de segregação está presente na cidade de Porto Alegre ainda hoje? Veja, nessa reportagem, um estudo sobre a ocupação das cidades no Brasil e no mundo: <https://www.nexojournal.com.br/especial/2015/12/16/O-que-o-mapa-racial-do-Brasil-revela-sobre-a-segrega%C3%A7%C3%A3o-no-pa%C3%ADs>



Fonte: <https://bit.ly/2PV12QI>



**MUSEU JOAQUIM JOSÉ
FELIZARDO**





O *Museu de Porto Alegre* –idealizado pelos historiadores Nilo Ruschel e Walter Spalding–foi inaugurado em 1979 e se localizava na Rua Lobo da Costa, no Bairro Cidade Baixa. No ano de 1982, a sede foi transferida para o Solar Lopo Gonçalves, hoje Rua João Alfredo (na época de sua construção, Rua da Margem). Em 1993 o seu nome foi alterado para *Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo*, em homenagem ao historiador e criador da Secretaria Municipal da Cultura.

O museu abriga uma grande quantidade de documentos diversos, acervo fotográfico, com mais de 20 mil fotografias, acervos bibliográfico e arqueológico e objetos do uso cotidiano utilizados na virada do século XIX para o século XX. A instituição oferece visitação mediada, espaço para pesquisas e lazer e projetos abertos à comunidade.

O primeiro proprietário do prédio, Lopo Gonçalves (1800-1872), era português. Em Porto Alegre, desenvolveu a atividade de comerciante e foi vereador duas vezes.

O que é um SOLAR?

Habitação de famílias abastadas, cuja propriedade é transmitida por herança.

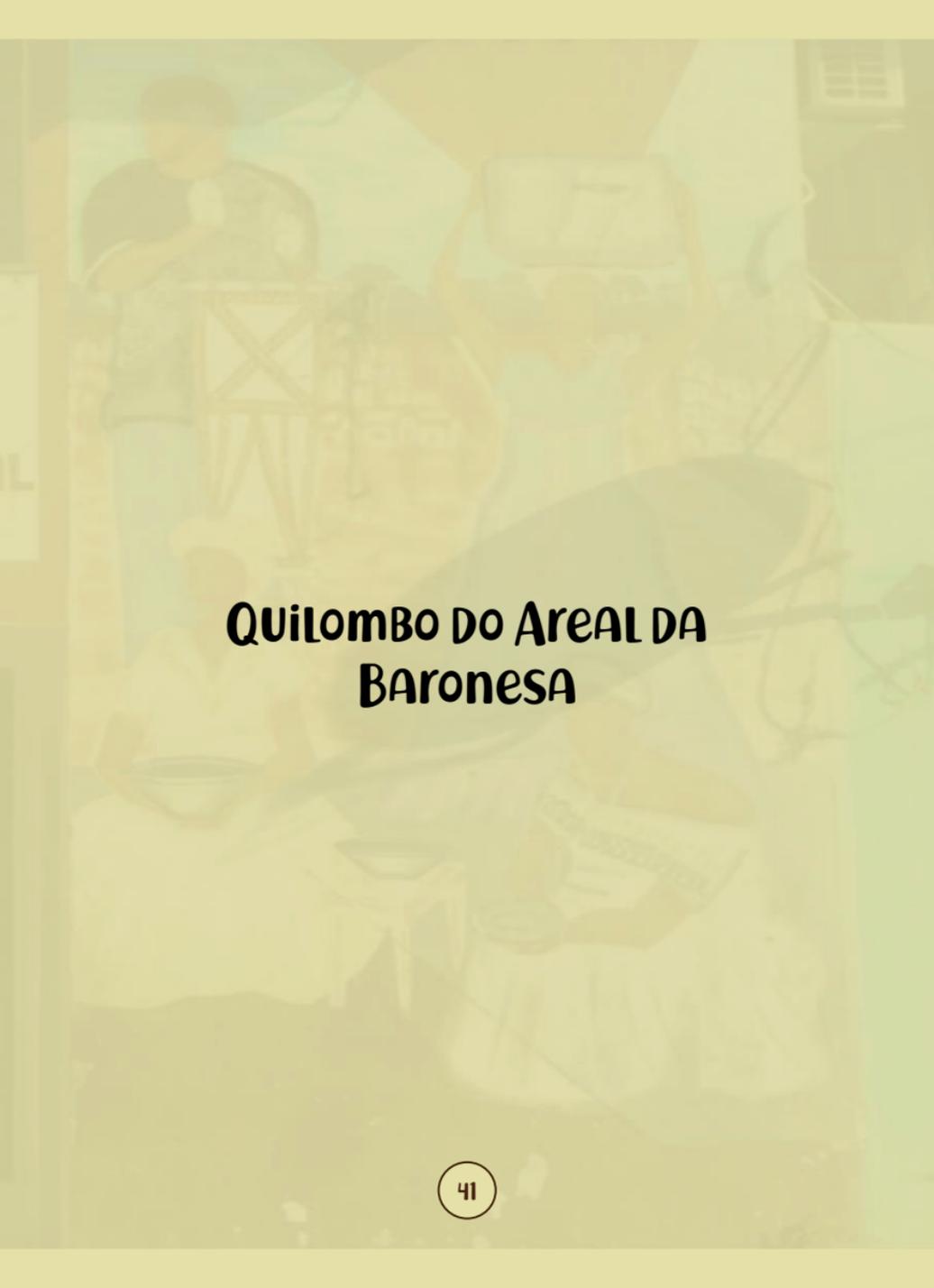
O Solar foi construído entre os anos de 1845 e 1855 e serviu de residência da chácara, local de descanso para a família, além de senzala para os inúmeros escravizados que Lopo possuía. Em 1946 o Solar foi vendido para José Albano Volkmer e se transformou em uma fábrica de velas; em 1966 foi núcleo residencial para os associados do Serviço de Assistência e Seguro Social dos Economiários (SASSE). Já em 1979, foi tombado como Patrimônio Histórico de Porto Alegre e se tornou a sede do museu da cidade. No ano de 2007, foi restaurado, reorganizado e reinaugurado como espaço cultural.

O QUE SIGNIFICA TOMBAR UM PATRIMÔNIO HISTÓRICO?

Significa colocar sob a guarda do poder público os bens materiais e imateriais considerados importantes para a preservação da memória coletiva da sociedade.



Fonte: <https://bit.ly/2A1gpc1>



QUILOMBO DO AREAL DA BARONESA



QUILOMBO DO AREAL DA BARONESA

Comunidade quilombola localizada no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, com grande influência cultural e tradição nos antigos carnavais de rua da cidade. Hoje é habitado por uma média de oitenta famílias, em propriedade coletiva reconhecida como comunidade quilombola. Em 2015 o Quilombo do Areal foi reconhecido pela prefeitura de Porto Alegre como Área Especial de Interesse Cultural.



Você SABIA?

Segundo o site da Fundação Cultural Palmares, mais de 2.600 comunidades remanescentes de quilombos já foram certificadas pela instituição. Além do Quilombo do Areal, há o Quilombo do Silva, o Quilombo dos Alpes e o Quilombo da Família Fidelix. Veja mais informações na página da Fundação: www.palmares.gov.br

? PARA PENSAR!

Historicamente os quilombos constituíram-se como espaços de fuga e de resistência à escravidão. Mas você já pensou sobre o que significa um quilombo urbano na atualidade?

Segundo a Fundação Cultural Palmares, “quilombolas são descendentes de africanos escravizados que mantêm tradições culturais, de subsistência e religiosas ao longo dos séculos”. É importante lembrar que essas comunidades, na atualidade, mantêm sua característica de resistência, ao reivindicarem o reconhecimento legal das terras que ocupam.





LARGO ZUMBI DOS PALMARES



LARGO ZUMBI DOS PALMARES

O Largo Zumbi dos Palmares recebeu este nome em 2002, antes chamava-se Largo da EPATUR. A mudança de denominação foi uma reivindicação do movimento negro para lembrar a presença dos africanos e afro-brasileiros naquela região. O nome escolhido foi o do líder do **Quilombo dos Palmares**, Zumbi.

O QUILOMBO DOS PALMARES

Em 1597, ouve-se pela primeira vez falar do Quilombo dos Palmares. Localizado entre Alagoas e Pernambuco, em um local chamado Serra da Barriga. O quilombo abrigava, na segunda metade do século XVII, cerca de 8 mil pessoas. Viviam no quilombo: escravos e escravas fugidos das fazendas da redondeza, libertos e alguns indígenas.

A região era de difícil acesso, evitando que os senhores conseguissem recuperar os escravos fugidos.

O quilombo resistiu a vários ataques, mas acabou sendo destruído em 1691.

Nos anos 1970, o movimento negro questionou o dia 13 de maio, data da abolição de escravidão, como representativa de suas lutas, pois este foi apenas o dia em que a Princesa Isabel assinara um papel. O movimento negro definiu, então, o dia 20 de novembro como o **Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra**.

Você SABIA?

O dia 20 de novembro é o dia da morte de Zumbi dos Palmares. Foi escolhido pelo movimento negro como um dia de luta para conscientizar as pessoas sobre a necessidade de reconhecimento e valorização da cultura negra.

Em muitas cidades brasileiras, esse dia foi instituído como feriado. A partir da Lei nº 10.639/03, o dia foi incluído no calendário escolar brasileiro como **Dia da Consciência Negra**.

PARA PENSAR!

Oliveira Silveira, poeta e militante do movimento negro, é autor do poema *Treze de Maio*. Nele o autor apresenta uma reflexão em relação à memória do dia 13 de maio. Você já leu a poesia de Oliveira Silveira?

Treze de maio traição,
liberdade sem asas
e fome sem pão

Liberdade de asas quebradas
como
..... este verso.

Liberdade asa sem corpo:
sufoca no ar,
se afoga no mar.

Treze de maio – já dia 14
o Y da encruzilhada:
seguir
banzar
voltar?

Treze de maio – já dia 14
a resposta gritante:
pedir
servir
calar.

Os brancos não fizeram mais
que meia obrigação

O que fomos de seiva
.....de base
..... de Atlas
o que fomos de vida
.....e luz
chama negra em treva branca
.....quem sabe só com isto:

que o que temos nós lutamos
para sobreviver
e também somos esta pátria
em nós ela está plantada
nela crispamos raízes
de enxerto mas sentimos
e mutuamente arraigamos
....quem sabe só com isto:

O que fomos de adubo
o que fomos de sola
o que fomos de burros cargueiros
o que fomos de resto
o que fomos de pasto
senzala porão e chiqueiro

nem com pergaminho
nem pena de ninho
nem cofre de couro
nem com lei de ouro.



que ela é nossa também, sem favor,
e sem pedir respiramos seu ar
....a largos narizes livres
bebemos à vontade de suas fontes
... a grossas beijaças fartas
tapamos-destapamos horizontes
...com a persiana graúda das pálpebras
escutamos seu baita coração
....com nosso ouvido musical
e com nossa mão gigante
batucamos no seu mapa
....quem sabe nem com isso

e então vamos rasgar
a máscara do treze
para arrancar a dívida real
com nossas próprias mãos

(Treze de Maio, Oliveira Silveira)

PARA TerminAR

PARA Terminar

Nesta caminhada por Porto Alegre, passeamos no tempo e conhecemos muitos lugares que contam histórias e trazem questionamentos sobre os territórios negros na cidade.

Tocamos o Tambor e percebemos que a diversidade religiosa é uma riqueza cultural que alerta para o valor da tolerância, da convivência e da solidariedade, como no exemplo das irmandades religiosas.

Ao caminhar pelas imediações do Mercado Público, refletimos sobre as relações entre religiosidade, cultura, trabalho e resistência, ao conhecer as histórias das quitandeiras e as muitas formas de conquistar a liberdade.

As narrativas de Josino e do assentamento do Bará do Mercado demonstram que as histórias do passado podem ter muitas versões e que, às vezes, não é possível saber com certeza o que aconteceu. Mesmo assim, podemos pensar por que algumas histórias ficam mais conhecidas do que outras.

É o caso da história da Abolição que pode ser contada a partir da assinatura da Lei Áurea, mas também pelas lutas de grande porte ocorridas nos quilombos, como o de Palmares, dos lanceiros negros que lutaram na Guerra dos Farrapos, das pessoas comuns que buscavam inserção social das mais diversas formas no pós-abolição.

Afinal, as disputas por essas memórias não acabaram no passado. A segregação racial presente nos bairros de Porto Alegre na atualidade é um exemplo concreto. Por isso, marcar o centro da cidade com monumentos e contar as histórias esquecidas é muito importante para nossa educação como cidadãs e cidadãos. É preciso que, cada vez mais, espaços sejam ocupados e reconhecidos como territórios negros: as praças, as ruas, os quilombos urbanos, os museus, as escolas, a poesia e a produção científica nas universidades.

**APÊNDICE: UM POUCO DA HISTÓRIA
DOS TERRITÓRIOS NEGROS NA
ESCOLA PÚBLICA DE PORTO ALEGRE**

É importante lembrar algumas passagens que marcaram a origem e a existência deste roteiro que, em 2006, teve o título de “Caminhos do Povo Negro” e que, infelizmente, não saiu do papel. Porém renasceu a partir de uma formação de professores, em 2008, e, ao longo destes anos, se tornou uma ferramenta didático-pedagógica para tratar o tema da negritude no contexto escolar.

Quem diria que um planejamento de formação continuada em serviço organizado pela Assessoria Pedagógica de Relações Étnicas da SMED/POA, cujo objetivo era fomentar o tratamento da temática da História e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar, resultaria neste projeto de sucesso?

Esta é uma história no mínimo interessante de se contar... Era agosto de 2008 e, como de praxe, executávamos a atividade de formação continuada dirigida aos professores da Rede Municipal de Ensino e parte integrante do planejamento anual da Assessoria Pedagógica de Relações Étnicas. O curso de formação continuada chamava-se “Territorialidade Afro-brasileira” e acontecia todas as sextas-feiras no mês de agosto. Além das palestras principais, ocorriam minicursos, um deles, ministrado pelo historiador Manoel José Ávila, tratava dos territórios negros em Porto Alegre. Por ele foram apresentadas fotos que marcaram a história e evidenciaram a presença negra na cidade.

A atividade despertou o interesse dos envolvidos sobre a correspondência das fotos antigas com o que há hoje nos locais e, então, uma ideia foi proposta. Decorrente da atividade, com os cursistas motivados, oportunizou-se a eles uma visita in loco – daí passamos para a atividade externa, que não estava inicialmente planejada, mas que fora organizada já para o dia seguinte, um sábado pela manhã. Quem poderia ceder um ônibus para tal feito? A empresa Carris foi a resposta. Os cursistas foram levados a um percurso em um coletivo emprestado, graças à boa relação com a companhia e à participação de Márcio Ramos, funcionário da empresa e membro do Grupo de Trabalho Antirracismo da prefeitura.

A ação foi um sucesso tamanho que fez com que ali mesmo, durante o trajeto improvisado, nós criássemos o esboço do que viria a ser o “projeto Territórios Negros”.

Quinze meses depois, durante a Semana da Consciência Negra de 2009, houve uma nova experiência. Desta vez nossa intenção era mostrar a viabilidade e a importância do projeto, a fim de levantar fundos para a sua sustentação. Os passageiros foram os integrantes do Grupo de Trabalho Antirracismo da Prefeitura, um grupo formado por representantes, titulares e suplentes das diversas secretarias, departamentos e empresas da prefeitura e que fora criado para propor e conduzir localmente as políticas de promoção da igualdade racial.

A saída oficial, já com o projeto constituído e financiado pela parceria SMED/CARRIS, aconteceu só em 2010 com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente Vargas, da Rede de Ensino de Porto Alegre, em um ônibus especialmente elaborado para o projeto.

O projeto “Territórios Negros: Afro-brasileiros em Porto Alegre” teve vários colaboradores como “guias históricos”. O professor Manoel Ávila, um dos idealizadores do projeto (nós dois constituíamos a Assessoria Pedagógica de Relações Étnicas da SMED POA), a colaboradora Clarice Morais (funcionária da PROCEMPA, que assumiu em 2012 a coordenação do projeto que foi abrigado pela empresa durante um ano) e a cobradora Fátima, funcionária da Carris, formada em História e pós graduanda em História da África.

Muitas histórias interessantes surgiram após o início do projeto. Com base nelas, poderíamos dissertar vários livros, no entanto, neste momento, o importante é ressaltar que o projeto – transformou-se em uma grande ferramenta didático-pedagógica usada com o intuito de divulgar a presença negra na cidade de Porto Alegre. E, a partir destas informações, desencadear um processo de estudo da história e cultura afro-brasileira e africana, além de propagara educação das relações étnico-raciais, bem como a prática do real exercício da diferença.

Quem Escreveu esse Livro?

Esse livro foi escrito por muitas pessoas: estudantes de História, professoras, professores, pesquisadores. Alguns leram e deram as suas opiniões, outros contribuíram com desenhos e ilustrações, outros, ainda, com suas experiências de vida.

Uma primeira versão foi produzida pela equipe de sete estagiários do curso de História da UFRGS que fizeram suas práticas no Projeto “Territórios Negros: afro-brasileiros em Porto Alegre”, da Companhia Carris. Apoiados pelas supervisoras e orientadoras de estágio, esses futuros professores idealizaram o formato do livro, escreveram os textos e propuseram inúmeras reflexões.

Depois, o material recebeu a leitura crítica de vários professores e teve sua redação e seu formato discutido e aperfeiçoado por bolsistas do Laboratório de Ensino de História e Educação da Faculdade de Educação da UFRGS.

Outras pessoas que contribuíram para a redação foram as historiadoras mediadoras da Carris e algumas professoras de escolas estaduais, municipais e da universidade.

Apesar de ter passado por tantas pessoas, esse ainda é um material incompleto. Ele será enriquecido com as leituras, os usos, as experiências e as críticas de professoras(es) e estudantes que constroem conhecimentos sobre os territórios negros em Porto Alegre.

Referências

Referências

A Tradição do Bará do Mercado. Documentário Completo. Porto Alegre/RS, 2007. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=kbDrJ16A2Iw>>. Acesso em 11 set. 2015.

ALADRÉN, Gabriel. Liberdades Negras nas paragens do sul: alforria e inserção social de libertos em Porto Alegre, 1800-1835. Rio de Janeiro, RJ: FVG, 2009.

ALBINO, Airan. Ilhota: o bairro com enchentes de contos. Disponível em: <<http://www.nonada.com.br/2015/06/ilhota-o-bairro-com-enchentes-de-contos/>>. Acesso em 02 set. 2015.

BITENCOURT JÚNIOR, Iosvaldyr Carvalho. Territorialidade Negra Urbana: a evocação da presença, da resistência cultural, política e da memória dos negros, em Porto Alegre, delimitando espaços sociais. IN: PESAVENTO, Sandra Jatahy (coord.). O espetáculo da rua. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996. 2ª ed. p. 129- 162.

BURIN, Carolina Wolff. Canalização ao Arroio Dilúvio em Porto Alegre: ambiente projetado x ambiente construído. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Arquitetura, 2008.

CAVEDON, Neusa Rolita. “Pode Chegar, Freguês”: A Cultura Organizacional do Mercado Público de Porto Alegre. Revista O&S. Salvador, v.11, n.29, pp. 173-189, 2004.

CHAVES, Ricardo. Onde ficava a Ilhota. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2014/03/14/onde-ficava-a-ilhota-berco-do-compositor-lupicinio-rodrigues/?topo=13,1,1,,,13>>. Acesso em 02 fev. 2015.

FAGUNDES, Ariel; RODRIGUES, Leandro H. Ilhados na miséria. Disponível em: <<https://jornaltabare.wordpress.com/2011/12/02/ilhados-na-miseria/>>. Acesso em 02 set. 2015.

FRANCO, Sergio da Costa. Gente e espaços de Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS. 2000.

FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 1988.

GOMES, Flávio dos Santos. De olho em Zumbi dos Palmares: histórias, símbolos e memória social. São Paulo: Claro Enigma, 2011.

HISTÓRIA do Mercado Público de Porto Alegre. Disponível em <<https://mercadopublico.com.br/historia-mercado-publico/>>. Acesso em 01 out. 2015.

IPHAN. PROGRAMA MONUMENTA. Praça da Alfândega: Porto Alegre-RS. Brasília, DF: 2007.

JAQUES, André Porto. A GEOGRAFIA DO BATUQUE: ESTUDOS SOBRE A TERRITORIALIDADE DESTA RELIGIÃO EM PORTO ALEGRE-RS [título de bacharelado]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, 2005.

MUSEU de Porto Alegre Joaquim Felizardo. Disponível em <www.museudeportoalegre.com.br>. Acesso em 28 set 2015.

MUSEU de Porto Alegre Joaquim José Felizardo. Catraca Livre. Disponível em <<https://catracalivre.com.br/porto-alegre/lugares/museu-de-porto-alegre-joaquim-jose-felizardo/>>. Acesso em 28 set 2015.

MUSEU Joaquim José Felizardo. Disponível em <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?reg=1&p_secao=118>. Acesso em 28 set 2015.

MUSEU Joaquim José Felizardo. Disponível em <<https://pt.foursquare.com/v/museu-joaquim-jos%C3%A9-felizardo/4ce9c5d1fe90a35d96734a0e>> - site acessado em 28/09/2015 às 11:43h.

PEREIRA, LeandoBalejos. Custódio Joaquim de Almeida (1831? - 1935): um Príncipe Africano em Porto Alegre que rezava, curava e treinava cavalos [trabalho de conclusão de curso]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de História, Departamento de História; 2010.

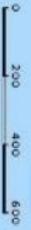
POSSAMAI, Zita Rosane (org.). Leituras da cidade. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

SANTOS, Irene (org.). Negro em Preto e Branco: história fotográfica da população negra de Porto Alegre. Porto Alegre: Do Autor, 2005.

Santos, Irene (org.). Colonos e quilombolas: memória fotográfica das colônias africanas de Porto Alegre. Porto Alegre, Do Autor, 2010.



Este material está licenciado sob a licença Creative Commons



GUAIÁBA

